

# "QUERO TUDO, OU NADA": A POÉTICA DA FALTA EM MURILO MENDES<sup>1</sup>

Natália da Natividade<sup>2</sup>

(Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

Sinto-me compelido ao trabalho literário:  
[...] por sofrer diante da enorme confusão do mundo atual.  
(Murilo Mendes, *Poliedro*)

Não existem provas concretas da realidade total, nem sólidas certezas – exceto as da angústia, da dúvida e do enigma.  
(Murilo Mendes, *Retratos-Relâmpago*)

**RESUMO:** O presente ensaio apresenta considerações sobre a criação poética-estética de Murilo Mendes durante as décadas de 1930 e de 1940, tendo em vista a influência do catolicismo e de diferentes ideários estéticos nos modos de enfrentar e buscar soluções para os problemas de seu tempo, sempre tentando compreender o desacordo existencial entre homem e mundo. Murilo rejeita a ideia de uma verdade plena e presente, mas, simultaneamente, entende a revolta e a inquietação como necessárias à nossa existência, apontando para a impossibilidade dessa conciliação. O desejo de restabelecer-se — aceitar o absurdo do mundo e ressignificá-lo — é a força-motriz dessa poesia. A pergunta teórica que move este ensaio é: de que maneira a poesia de um autor inserido em um contexto de quase um século pode nos ajudar a pensar questões contemporâneas, tanto em termos de elaboração de poesia, quanto de posicionamentos diante dos nossos repertórios e valores atuais?

**Palavras-chave:** Murilo Mendes; catolicismo; poesia; desacordo existencial.

A inquietação sempre esteve presente na obra poética de Murilo Mendes (1901-1975), agudamente vinculada à sua experiência católica e às suas filiações estéticas. Desde a publicação de *Tempo e Eternidade* (1994 [1935]), obra dedicada à "restauração da poesia em Cristo", as produções de Murilo reiteram a presença da religião cristã como fio condutor de toda sua obra posterior — até, ao menos, a década de 1950, quando se muda para a Itália e esse sentimento se dilui em sua poesia. Para ele, o catolicismo sempre foi um modo de enfrentar e procurar soluções para os problemas de seu tempo, e, somando-o às suas instruções surrealistas e abstracionistas, Murilo vê modos pelos quais se desvela uma nova percepção de um mundo que se apresentava absurdo.

Obras como *A Poesia em Pânico* (1994 [1937]) e *As Metamorfoses* (1994 [1944]) refletem o catolicismo nada dogmático de Murilo, permeado por contradições modernas, como aponta Guimarães (1986). Ao tratar do surrealismo em sua trajetória, Murilo afirmou, no retrato-relâmpago de André Breton (MENDES, 1994 [1957]), não ser um surrealista *full time*, tomando do movimento apenas o que lhe interessava: "além de muitos capítulos da cartilha inconformista, a criação de uma atmosfera poética baseada na acoplagem de elementos díspares" (MENDES, 1994).

<sup>1</sup> O presente ensaio é fruto do Projeto Voluntário de Iniciação Científica "Poesia Plástica: Murilo Mendes e a arte abstrata" (2023-2024), sob orientação do Prof. Dr. Artur de Vargas Giorgi.

<sup>2</sup> Endereço para acessar o CV completo: <http://lattes.cnpq.br/5620506986514423>.

De modo semelhante, abraçou o próprio catolicismo à sua maneira — "só me sinto católico entre os não-católicos" (MENDES, apud GUIMARÃES, 1986) —, sendo sua poesia uma das precursoras, junto da arte de Ismael Nery, na cisão entre conservadores e renovadores (GUIMARÃES, 1986).

A religiosidade em Murilo é um debate complexo, tendo criado impasses e tensões — com católicos e não-católicos igualmente — responsáveis por sustentar sua criação poética. O inconformismo, causado pela influência tanto da religião cristã quanto da estética surrealista, é indispensável para fundamentar o que Murilo acreditava ser o verdadeiro comportamento para com a vida: uma postura pautada na inquietação constante e no questionamento ininterrupto. Destaca-se, em sua obra, a poesia entre os anos de 1930 a 1944, em especial *As Metamorfose*s por articular de modo notável a tensão entre o poeta e a modernidade, refletindo um contexto de guerras, crises estéticas e espirituais.

Em 2024 comemorou-se o centenário da publicação do *Manifesto Surrealista* (1973 [1924]) de André Breton, documento que deu início aos ideais de artistas vanguardistas inflamados pelas consequências da Primeira Guerra Mundial. Entende-se, desde então, o surrealismo enquanto um movimento de inquietação, uma revolta do espírito, uma perturbação da realidade tal como era conhecida. Murilo toma para si a tentativa de restabelecer um espírito movido pela esperança, pela paixão, pela utopia e pelo próprio impossível, buscando um *re-encantamento do mundo* (LÖWY, 2002). Se o surrealismo pretendia reconstruir o mundo, ainda que um mundo diferente, Murilo também o fazia ao reorganizar e deslocar formas cuja coexistência num mesmo contexto parece, a princípio, injustificável.

Somado a isso, identifica-se na poesia muriliana uma atração pelo caos e desconcerto do mundo, subvertendo o império da lógica ocidental e cartesiana — no qual, ainda hoje, nos submetemos — e colocando em prática seu exercício favorito: "a conciliação dos contrários" (BANDEIRA, 2009 [1946]). A presença de tal procedimento na poesia de Murilo é resultado de seu constante contato com as artes plásticas (MAMMI, 2023) — tais como as de Ismael Nery, Jorge de Lima, Vieira da Silva, entre outros —, sendo este um elemento frutífero para desenvolver uma das obsessões essencialistas do poeta: a relação paradoxal entre ordem e pânico.

É no texto escrito em 1963 — publicado postumamente na coletânea *Invenção do Finito*, presente em *Poesia Completa e Prosa* (1994) — sobre Alberto Magnelli, também artista abstrato, que o poeta melhor elaborou o problema,

afirmando que neste mundo "em que tudo se transforma e muda de aspecto", o homem se vê "insatisfeito e procura cada dia atingir novos objetivos", surgindo, por consequência, a "necessidade de se praticar, mais do que em outras épocas, o método da abstração, método que em filosofia consiste em distinguir uma da outra as qualidades singulares dum objeto sensível" (MENDES, 1994). Para Murilo, é exatamente o absurdo da nossa existência que gera uma necessidade entre os artistas, sejam poetas ou pintores, de pensar e conhecer o mundo sob outros ângulos, em que são feitos "cortes no espaço e no tempo, restituindo a obra de arte, quadro, desenho ou estátua, a uma vida autônoma, orgânica" a partir de "uma complexa operação intelectual" (MENDES, 1994).

Até meados da década de 40, ao menos no cenário latino-americano, havia uma forte resistência por parte dos artistas e críticos à abstração (GARCÍA, 2012). Nesse interesse pelo desvelamento de uma nova realidade e uma nova percepção, abordagens abstracionistas foram taxadas de "anarquismo modernistas" reservado apenas aqueles que "amavam a podridão", nas palavras de Di Cavalcanti (1948, apud COUTO, 2004). Mas o cenário da arte obteve resultados estéticos mais incisivos na década de 1950, tendo sido marcada pela "revolução profunda na produção artística nacional e pela difusão da arte abstrata em todo o país" (COUTO, 2004). A Bienal de São Paulo, por exemplo, nasce exatamente pela demanda de revisão de valores e atualização artística.

A urgência da renovação perceptiva e da realidade tal como era formulada entre as décadas de 1930 e 1940, período em que a obra de Murilo mais abraçou o problema da abstração, se deu, certamente, em consequência da Segunda Guerra Mundial. Além disso, na obra de Murilo, o contato com artistas exilados, como Maria Helena Vieira da Silva e Árpád Szenes, também possibilitou a reeducação de seu olhar sobre as formas poéticas. Lemos em *As Metamorfoses* uma constante preocupação com o coletivo, com as consequências à decadência do mundo e com os desastres da Guerra. A influência da abstração em sua criação poética-estética é evidente, mais como poética do que como formalismo. García (2012) afirma que tais demandas levaram o poeta a participar ativamente da criação da revista de arte abstrata *Arturo*, em 1944, cuja única edição tinha o objetivo de propor a reelaboração dos debates estéticos internacionais por meio das conexões entre artistas latino-americanos.

A poética muriliana, portanto, é concebida como um espaço-tempo agonístico, em que o espírito combativo é o modo pelo qual Murilo resiste a se submeter à falta de sentido do mundo. As soluções de Murilo para o problema do enigma da vida e das dúvidas quanto ao sentido do mundo oscilavam entre a transcendência para uma realidade *autre* e o desvelamento de uma nova linguagem, ou a espera apática pelo fim do mundo em que finalmente poderemos confrontar a ausência de Deus.

Os versos de "Marcha da História", por exemplo, demonstram uma esperança em relação a uma realidade impossível, que recua toda vez que nos aproximamos:

**Marcha da História**

Eu me encontrei no marco do horizonte  
Onde as nuvens falam,  
Onde os sonhos têm mãos e pés  
E o mar é seduzido pelas sereias.

Eu me encontrei onde o real é fábula,  
Onde o sol recebe a luz da lua,  
Onde a música é pão de todo dia  
E a criança aconselha-se com as flores.

Onde o homem e a mulher são um,  
Onde espadas e granadas  
Transformaram-se em charruas,  
E onde se fundem verbo e ação.  
(MENDES, 1994, p. 332)

Nos versos finais do poema, lemos a possibilidade de desvelar uma nova realidade "onde o homem e a mulher são um, / onde espadas e granadas / transformaram-se em charruas, / e onde se fundem verbo e ação" (MENDES, 1994), em que impulsiona-se a fusão e aproxima os contrários. A ideia de progressão cronológica indicada pelo título, como quem *marcha* em direção ao futuro e que tais consequências são efeito acumulativo da mudança, parece ser um modo pelo qual o poeta acredita ser viável organizar *esta* mesma realidade e não outra, mas que agora será concebida abstratamente.

A leitura do poema, no entanto, permite uma visão ambivalente sobre essa nova realidade, pois, por um lado, direciona-nos à conciliação dos contrários, alimentando uma esperança que é, por excelência, edificante; por outro, as estrofes iniciais instauram um impossível lógico. Em "Eu me encontrei no marco do horizonte / Onde as nuvens falam, / Onde os sonhos têm mãos e pés / E o mar é seduzido pelas sereias" (MENDES, 1994), Murilo reafirma a qualidade impraticável do ato de

alcançar, finalmente, o local onde espírito e matéria se harmonizam. Realizar tais desejos, por conseguinte, seria o mesmo que aniquilá-los.

Agora, no que tange a visada apocalíptica, um dos núcleos temáticos mais iterativos obra muriliana, vale ler o poema "Fim":

**Fim**

Eu existo para assistir ao fim do mundo.  
Não há outro espetáculo que me invoque.  
Será uma festa prodigiosa, a única festa.  
Ó meus amigos e comunicantes,  
tudo o que acontece desde o princípio é a sua preparação.

Eu preciso assistir ao fim do mundo  
para saber o que Deus quer comigo e com todos  
e para saciar minha sede de teatro.  
Preciso assistir ao julgamento universal,  
ouvir os coros imensos,  
as lamentações e as queixas de todos,  
desde Adão até o último homem.

Eu existo para assistir ao fim do mundo,  
eu existo para a visão beatífica.  
(MENDES, 1994, p. 328-329)

Apesar da insistente busca por saciar sua sede e fome por respostas, não nos parece ser com a chegada do "fim do mundo" que o poeta irá, finalmente, sanar a falta e a ausência de qualquer razão profunda da existência. A crença católica assume que o Apocalipse é a promessa da justiça divina e da ordem restaurada, quando as perseguições e opressões da vida humana serão finalmente resolvidas. Mas nem mesmo o Juízo Final é uma garantia, sobrando apenas nossas próprias lamentações e queixas sobre a vida ordinária. É então que tudo se torna mais difícil: nós somos os responsáveis por dar sentido a este mundo, e isto é, na mesma medida, libertador e o nosso mais doloroso desamparo, porque "viver, naturalmente, nunca é fácil" (CAMUS, 2019 [1942]).

Nessa perspectiva, a inquietação deve ser o ponto de partida para a mobilidade, a mudança e a transformação. Kierkegaard afirmou que a "inquietação é o verdadeiro comportamento para com a vida, para com a nossa realidade pessoal e, consequentemente, ela representa, para o cristão", como é o caso de Murilo, "a seriedade por excelência" (KIERKEGAARD, 2010 [1849]). Desse modo, a fome e a sede, insaciáveis como o desejo, são tão somente a vontade de viver, e este sentimento é tudo que resta do próprio poeta. Os versos finais de *O Emigrante*, poema que abre *As Metamorfoses*, dão o tom para o restante da obra: "Eu vos deixo minha sede, / Nada mais tenho de meu" (MENDES, 1994).

Se não há sentido para o absurdo de nossa existência mundana, o indivíduo se torna livre para criar seus próprios significados, em que a revolta mostra-se um sentimento não só válido, como edificante e até mesmo libertador. E o que seria a ressignificação deste mundo senão a própria elaboração artística e a renovação estética? A literatura, portanto, é o espaço apropriado para examinar e expressar a experiência do absurdo, capaz de alterar o mundo à nossa volta.

Há, desse modo, duas saídas para resolver a falta de sentido universal: o conformismo, a apatia e a indiferença, ou o confrontamento e o restabelecimento (CAMUS, 2019). O fracasso — sentimento de desolação, de angústia e de desistência — é, talvez, a conclusão de que nada resta a fazer, mas em Murilo, lemos que o desconforto diante das incertezas leva a contestação e a mudança, pois tudo começa ao tomar consciência. Os versos de *Estudo nº 4* valem ser lidos: "Quando se acalmará / Essa doença fértil a que chamam Vida? [...] Quero tudo, ou nada: / Todas as paixões, todos os crimes, delícias e propriedades. / Ou então mergulhar num saco de cinzas" (MENDES, 1994).

A passagem para o século XX foi marcada por um otimismo social resultante das técnicas revolucionárias que conferiam aos homens o poder de torná-los "uma espécie de deus protético" (FREUD, 2011 [1930]). Nesse sentido, Costa e Schwarcz (2000) afirmam que os tempos modernos apresentavam-se enquanto tempo das certezas, em que a ciência e suas invenções eram como um suplemento — no sentido ambivalente atribuído por Derrida (2005 [1985]) —, que completa e desestabiliza, cura e envenena, remedia e corrompe.

Ocasionalmente, como nos alertou Freud (2011 [1930]), tais próteses começam a dar mais trabalho do que soluções, de modo que tal visão utópica logo manifestava seus limites. O decorrer do século XX, no entanto, deu face às contradições modernas, como a fragmentação do sujeito e sua condição-limite, fortalecendo uma evidente tensão entre o universo inherentemente sem sentido e a incansável busca humana por explicações, dando início a uma nova era de angústia, melancolia e mal-estar com a nossa existência. Parte considerável da atividade literária em diante se dedicou a buscar dar sentido a este mundo em pânico.

Murilo se apresenta enquanto "homem absurdo", nos ajudando a entender, ainda hoje, que o enigma da vida, o sentido da existência e, ainda, a essência de todas as coisas são impasses que jamais se apaziguam, apontando para a impossibilidade dessa conciliação. Pois, se acreditarmos que o vazio é suplantado

por respostas — como saber o que Deus quer conosco —, sujeitamo-nos a sentir falta da própria falta. O desejo quando não se completa, ou se enclausura ou se transforma, e é nesse cenário que o desejo, causado pela falta, mostra-se ser um elemento nodal de nossa existência humana. A falta não é jamais preenchida, porque o que acreditamos ser a verdade nunca poderá se oferecer plena e presente, estando, portanto, sempre ausente.

Vemos que o sujeito — hoje mais do que nunca — confia levianamente que seus "órgãos auxiliares" garantem algum tipo de felicidade ou curam o desamparo, mas tudo que encontra, ao final, é o sofrimento de nunca dominar completamente a natureza. No mundo excepcionalmente caótico a qual nos submetemos nos dias atuais — pós-pandemia global; guerras em curso; ascensão de políticas extremistas; aumento da intolerância religiosa; avanços de inteligências artificiais no meio artístico; e, não menos importante, a iminente crise climática —, a poesia de Murilo Mendes parece endereçada aos problemas mais imediatos de nossa sociedade. Seguimos tentando alcançar uma nova percepção da realidade para, consequentemente, recuperar a sensibilidade da vida.

Ainda nos esforçamos para lidar com nossa angústia de estar num mundo sem sentido, tendo em vista que é inerente ao ser humano fugir da dor, de modo a retardá-la ou contestá-la, ou seja, aceitar a falta de definição da vida não é tarefa, de fato, simples. O próprio sofrimento e a insatisfação, desse modo, parecem ser os combustíveis ideais para a transformação. Hoje, a visão catastrófica das coisas é mais verossímil do que a esperança dialética, corroborando com uma avaliação negativa do mundo sensível. Nas possíveis soluções de Murilo, podemos: ou aguardar a aniquilação generalizada para assistirmos o espetáculo do fim do mundo e, finalmente, sabermos o que Deus quer conosco; ou entendemos que a única certeza que temos é a da própria angústia, da eterna dúvida e do enigma da existência, em que a primazia é o desejo de restabelecer-se.

Se entendermos, por fim, que a inquietação edifica e rejeitarmos, assim como Murilo, a possibilidade de uma verdade única, compreenderemos, também, que é diante da perda, da ausência, da angústia, da dúvida e do enigma que se faz literatura, e seu papel é o de provocar, de fazer pensar e de nos ajudar a dar significado a este mundo em pânico. Em Murilo, os paradoxos jamais resolvidos são, por excelência, a força-motriz de sua criação poética-estética, que se expande até o momento presente em que mais precisamos de novos repertórios que nos façam

repensar os valores e comportamentos diante das crises que enfrentamos e do novo tempo das incertezas que se instaura.

## Referências bibliográficas:

- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BRETON, André. Manifesto do Surrealismo. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas metalingüísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1973. p. 126-160.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1980-1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COUTO, Maria de Fátima Morethys. **Por uma vanguarda nacional: a crítica brasileira em busca de uma identidade artística (1940-1960)**. Editora Unicamp, 2004.
- DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- GARCÍA, María Amalia. **La revista Arturo y la conexión carioca**: en torno de la participación de María Helena Vieira da Silva y Murilo Mendes en la vanguardia invencionista porteña. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 38 - 61, nov. 2012.
- GUIMARÃES, Júlio Castaño. **Murilo Mendes**: a invenção do contemporâneo. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.
- KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano**: doença até a morte. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- LÖWY, Michael. **A estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MAMMI, Lorenzo. Uma Estética do Impasse. In: Museu de Arte Moderna de São Paulo. **Murilo Mendes, poeta crítico**: o infinito íntimo. Curadoria: Lorenzo Mammì, Maria Betânia Amoroso e Taisa Palhares. São Paulo: MAM, 2023.
- MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.